

# O NOVO EXÉRCITO ALEMÃO

Ten Cel Eng QEMA

MARIO MANOEL SCHLEMM RAMOS

## 1. INTRODUÇÃO

A República Federal da Alemanha tem como supremo objetivo a manutenção da paz e da soberania nacional. Sua política de segurança, vinculada ao Tratado do Atlântico Norte — OTAN, não visa a ofensiva; ela se destina apenas a defender a Nação, de seus agressores potenciais. Suas forças armadas constituem um dos meios para garantir essa política.

Devido a sua situação geográfica é a RFA o Estado da OTAN em contato mais direto com alguns dos países do Pacto de Varsóvia. A incerteza sobre as intenções políticas soviéticas, que influenciam as nações signatárias do Pacto, bem como a organização e o desdobramento de suas forças armadas eminentemente ofensivas, definem a amplitude da ameaça com que se confrontam os países da OTAN, incluída a RFA.

A maioria das forças da aliança comunista está concentrada na Zona Alemã de ocupação soviética, na Tcheco-Eslováquia, Polônia e Rússia Européia. Nessa região estacionam cerca de 100 divisões dotadas de equipamento moderno; essas grandes unidades prontas para entrar em ação, dispõem de 3.000 carros de combate e poderosas forças aéreas em apoio, com 3.400 aeronaves, das quais cerca de 2.000 aviões de características ofensivas.

As nações do Pacto de Varsóvia dispõem também, no mar Báltico, de 230 navios de guerra e 100 embarcações de desembarque. As unidades de mísseis e foguetes soviéticos com capacidade de bater qualquer objetivo em território europeu, situadas no extremo oeste da URSS, complementam esse dispositivo.

As forças filo-soviéticas estão instruídas e equipadas para realizar a guerra convencional e a atômica, as operações químicas e as biológicas. As armas e o equipamento, continuamente modernizados, são altamente padronizados nas esquadras e exércitos das nações do Pacto. O adestramento do pessoal é árduo e conduzido com realismo. Além do pessoal em serviço ativo, a aliança comunista conta com 26 milhões de reservistas de primeira qualidade.

As nações do Pacto de Varsóvia, devido à natureza de seus regimes e a segurança de sua contra-informação, têm condições de mobilizar e concentrar em prazo curto e em segredo fortes contingentes de suas FA. Restará pois à OTAN, um prazo de alerta extremamente curto variando entre poucos dias e algumas horas, para contrapor-se à iniciativa do adversário.

Nas condições reinantes na Europa não é mais possível, a Estados que não possuem armas nucleares realizar guerras independentes nem mesmo defenderem-se isolados, com probabilidades de sucesso. Daí, as nações européias, como a RFA e outras, estarem constrangidas a reunir-se em alianças, ainda na paz, com a conseqüente limitação de certos direitos de soberania. Assim a RFA vê sua integração na OTAN, sua estratégia defensiva e o estacionamento de tropas aliadas em seu território como uma condição necessária para sua segurança.

A concepção estratégica da aliança ocidental se fundamenta em:

- início da defesa junto à linha da fronteira;
- forças armadas com elevadas condições de operacionalidade;
- forças blindadas de grande potência;
- comando político e militar capaz de reagir no mais curto prazo.

## 2. OTAN

A Organização do Atlântico Norte é uma aliança que integra 15 nações: Bélgica, Canadá, Dinamarca, França, Inglaterra, Islândia, Itália, Holanda, Luxemburgo, Noruega, Portugal, Grécia, Turquia, RFA e Estados Unidos. Ela surgiu como resposta ao expansionismo soviético que, logo após o término da II Guerra Mundial, com a violação de carta da ONU e de outros tratados, anexou a seu território, mais de meio milhão de quilômetros quadrados, habitados por 24 milhões de pessoas, e compellu à situação de satélites, algumas nações cujas áreas somadas alcançam um milhão de quilômetros quadrados e cuja população ascende a 88 milhões.

A OTAN é uma aliança militar de caráter defensivo que integra interesses nacionais, políticos e econômicos, também comuns. Sua zona de ação engloba o território dos países signatários e o Oceano Atlântico ao N do Trópico de Câncer, com seus mares tributários: Mediterrâneo, Norte e Báltico.

O órgão deliberativo mais elevado da aliança é o Conselho da OTAN, coordenado por um Secretário-Geral. Várias comissões, muitas delas civis e uma militar, estão subordinadas ao Conselho. A Comissão Militar da OTAN é integrada pelos militares de maior graduação

das nações membros e tem como subordinados diretos, quatro comandos:

- Supremo comando aliado da Europa — SACEUR;
- Supremo comando aliado do Atlântico;
- Comissão do Canal da Mancha;
- Grupo de planejamento regional EU/Canadá.

Do ponto de vista da RFA, o SACEUR é o comando supremo de maior valla. Seu QG (SHAPE) está localizado nas imediações de Bruxelas, para onde se transferiu o Conselho da OTAN, quando a França abandonou a integração. O SACEUR tem três comandos subordinados:

- Comando da Europa Norte, com sede em Oslo — AFNORTH;
- Comando da Europa Central, com sede no Sul da Holanda — AFCENT;
- Comando da Europa Sul, com sede em Nápoles — AFSOUTH.

As forças militares dos países membros, em parte, já têm destinação específica e subordinação aos comandos da OTAN, desde o tempo de paz. As forças da RFA se encontram nesse caso, enquanto as forças de alguns países só se integram e se subordinam àqueles comandos nos casos de alerta mais críticos.

Os estados-maiores do Supremo Comando aliado na Europa estão constituídos com os oficiais de tôdas as nações membros, até o escalão exército de campanha. Os militares integrantes desses estados-maiores estão subordinados às autoridades da OTAN, perdendo qualquer vínculo com as autoridades militares de cada nação membro.

O AFCENT possui dois comandos de Forças Terrestres: o comando do norte (NORTH AG) e o comando do centro (CENT AG); ao primeiro, NORTH AG, subordina-se o 1.º CEX e ao último, subordinam-se os 2.º e 3.º CEX todos da República Federal da Alemanha. O escalão CEX é o mais alto comando nacional da RFA e no conjunto das forças da OTAN, em operações por esta última planejadas, essas forças têm por missão defender o território alemão contra qualquer tipo de agressão, provenha ela de ataques com meios convencionais ou com meios atômicos, o que justifica o equilíbrio entre os dois tipos de forças. Tal composição colabora para dissuadir o agressor em potencial e concede liberdade e flexibilidade à resposta do Ocidente.

### 3. O EXÉRCITO ALEMÃO

Após um vácuo de 10 anos a contar de 1945, as novas forças armadas da RFA surgiram praticamente do nada, vencendo dificul-

dades políticas, psicológicas e materiais, tanto internas quanto externas. A maneira de vencer os obstáculos interpostos e obter o consenso geral da nação e dos demais países interessados foi a de integração política, econômica e militar das nações da Europa Ocidental.

O Ministério da Defesa se organizou segundo três departamentos: um de assuntos militares; o segundo para assuntos de armamento e o terceiro, de caráter administrativo. Os dois últimos departamentos são civis.

Entre o Ministro da Defesa e os departamentos se situam os Secretários de Estado. O departamento de assuntos militares é chefiado pelo General-Inspetor, Oficial-General de mais alta graduação, do Exército Germânico. Subordinados a esse departamento estão os seguintes órgãos: EME; EMAer; EMA; Serviço de Saúde das FA; Comando da Defesa Territorial que engloba as organizações de base e os órgãos das regiões militares. Esse último comando, a partir de 1969, iniciou sua fusão com o Exército.

O Exército Alemão compreende:

- 7 divisões de infantaria blindada;
- 3 divisões blindadas;
- 1 divisão de montanha;
- 1 divisão aeroterrestre;
- 3 comandos de C Ex e tropas de corpo.

Estão englobadas pelas grandes unidades as seguintes armas e serviços:

*Comando:*

Comunicações.

Polícia do Exército.

*Combate:*

Infantaria:

- infantaria blindada;
- infantaria motorizada;
- infantaria de montanha;
- infantaria aeroterrestre;
- infantaria caçadores de carros.

*Blindados:*

- unidades de carros de combate;
- unidades de reconhecimento blindado;
- subunidades de reconhecimento profundo;

Aviação do Exército: anteriormente era arma de comando; atualmente arma de combate ainda muito limitada;

*Artilharia:*

- artilharia de misseis;
- artilharia de campanha;
- artilharia de montanha;
- artilharia aeroterrestre;
- artilharia de busca de alvos;
- artilharia topográfica.

*Engenharia:*

- unidades de engenharia;
- unidades de defesa QBR.

*A. Aérea:*

- unidades de defesa AAe do Exército;

*Técnicas:*

- unidades técnicas de manutenção;
- unidades técnicas de suprimento;

*Saúde:*

- unidades de saúde.

A divisão não tem organização fixa, ao contrário do escalão brigada. Ela pode enquadrar um número variável de brigadas. A divisão de infantaria blindada compreende:

- QG e Cia QG;
- AD sob a designação de regimento de artilharia;
- Tropas divisionárias;
- duas brigadas de infantaria blindada;
- uma brigada blindada.

A divisão blindada tem organização semelhante, diferenciando-se da primeira, por ter duas brigadas blindadas e uma brigada de infantaria blindada.

As tropas divisionárias compreendem: Cia QG; Cia PE; Cia Def QBR; B Com; B Av Ex (helicópteros); B Rec Bld; BE Cmb; BS; B Sv; Bia A Ae e dois Btl Rep

O regimento de artilharia (AD) é constituído por: Bia Cmdo; Bia Radar busca de alvos; Bia Som, busca de alvos; um grupo misto de canhões de 175 mm, de obuses de 203 mm e de misseis terra-ar; um grupo misto de misseis Honest John e terra-ar.

A Brigada, grande unidade de organização fixa, compreende: Cmdo, estado-maior, artilharia, tropas da brigada e:

3 BI Bld e 1 BCC na Bda Inf Bld;

2 BCC e 1 BI Bld, na Bda Bld.

A artilharia da Brigada é constituída por um grupo misto de obuses de 155 mm autopropulsado e de misséis. As tropas da brigada compreendem: Cia QG, Cia Eng Cmb, Cia de caçadores de carros, Cia Def QBR, Btl Sv e Btl Rep.

A brigada, como está hoje organizada, nasceu em 1958 e se constitui em GU bastante independente no que se relaciona com o apoio administrativo. Ao contrário da brigada, a divisão é escalão tático tendo apenas a missão de controle do apoio administrativo das brigadas e de caracterizar o esforço.

Segundo a concepção vigente, a brigada, como GU, deve ser de pequeno efetivo, extremamente flexível, com capacidade de sustentar o combate com seus próprios meios, por alguns dias, mesmo cercada. As unidades valem mais pelo poder de fogo que dispõem, devendo ser reduzido ao máximo, o efetivo em pessoal. Os tipos de apoio que as brigadas dispõem são muito reduzidos: um grupo de artilharia, uma Cia de Eng dispondo de equipamento reduzido; um pelotão de reconhecimento na Cia QG; um pelotão de comunicações na Cia QG e modesto apoio de saúde, considerando a mobilidade a que estão sujeitas suas instalações.

#### 4. AS OPERAÇÕES

O moderno Exército alemão se diferencia daquele organizado para a II Guerra Mundial por não depositar cega fé na ofensiva. A possibilidade do emprego dos projetis atômicos ou nucleares no campo tático não permite visualizar com clareza se haverá predomínio da defesa sobre o ataque, ou vice-versa. Além disso, a moderna concepção da defesa, no apoiar-se em contra-ataque, dá a essa atitude tática ou estratégica um caráter de agressividade que pouco a diferencia da ofensiva: procura-se a destruição do adversário.

A reunião de meios e sua concentração, o mais perto possível do inimigo, caracterizavam as operações ofensivas do passado. As armas atômicas alteraram esse conceito. O ataque a um adversário que possua tais armas não terá sucesso, a menos que as forças atacantes possam cerrar e penetrar no dispositivo da defesa sem perda de substância e de seu ímpeto inicial. Para isso tornou-se necessá-

rio criar novos processos de ataque, baseados nas seguintes considerações:

- conservar o grosso fora do alcance da artilharia atômica inimiga;
- renunciar à concentração de forças consideráveis nas imediações da área da defesa;
- aproximação por grupamentos bem dispersos em movimentos dissimulados, de preferência noturnos, por itinerários cobertos e tão próximo da linha de contato quanto possível, para subtrair-se aos golpes atômicos do inimigo, que será obrigado a suspendê-los para a segurança de suas próprias tropas;
- só realizar a aproximação do grosso no último momento, logo antes do ataque, sem paradas acentuadas de conjunto;
- o ataque partindo do movimento deverá ser preferido, sem grande preparação e sem preocupação de realizar a superioridade relativa de forças. As reuniões de tropas, bem dispersas entre si, distantes de 100 a 150 km do grosso inimigo até que, por movimentos concêntricos, se aproximem do contato do adversário e só então, após se ter esquivado de seu golpe atômico é que se procurará alcançar a superioridade de meios necessários à penetração e ao rompimento da defesa.
- A concentração deve ser de pequena duração ou a mais curta possível; logo após a ruptura e sempre em movimento, prosseguir disperso para a profundidade do território inimigo num conjunto que lembra a dinâmica de uma ampuheta.

Essas condições ideais encontram grandes resistências nas limitações da técnica. Entretanto, o material está sendo melhorado continuamente para satisfazer as novas necessidades. A ampliação do raio de ação das viaturas, os processos mais rápidos de seu reabastecimento e o aumento geral da sua velocidade horária, constituem exemplos dessa evolução.

A tendência do ataque é de acelerar o ritmo. A II Guerra Mundial já havia mostrado que os ataques mais bem sucedidos e que apresentavam as menores taxas de perdas de combate, foram conduzidos com rapidez. As frentes de ataque tendem a se ampliar. Uma brigada — por exemplo — com dois grupamentos de ataque em primeiro escalão (geralmente um batalhão reforçado) tem sob sua responsabilidade uma frente de 8 a 12 km.

Clausewitz permanece atual entre os militares alemães. “O brilho de uma defesa bem sucedida reside na rápida e vigorosa passagem para o ataque — sua espada vingadora e inopinada”.

A concepção de frentes lineares, contínuas e estáticas foi ultrapassada. A defesa de hoje deve ser livre no espaço, móvel, elástica e sem massas concentradas. Os custos elevadíssimos dos exércitos modernos e as extensas frentes não permitirão obter o número de divisões necessárias para mobilizá-las. Surgirão, portanto, amplos espaços livres. É de esperar-se, contudo, que o atacante possa reunir com sucesso, nos pontos decisivos, uma massa de mil ou mais carros de combate.

Em consequência, torna-se inconcebível fazer frente a essa massa blindada em uma linha contínua, regular e fracamente ocupada e defender uma posição única. A defesa deverá ser móvel e conduzida em profundidade. As grandes unidades devem gozar de bastante flexibilidade para conter e imobilizar o adversário por fogos superiores e após, esmagá-los pelo contra-ataque blindado. Qualquer solução estática será contestada pelo fogo atômico e rompida por massas de carros de combate.

No nível da divisão e da brigada — chamados comandos intermediários — a primeira delas tem significação mais valiosa para a defesa uma vez que dispõe de meios de lançamento de fogos atômicos e de uma brigada blindada, forças necessárias e adequadas para realizarem um contra-ataque potente. Por esse motivo as operações centralizam-se na divisão que se constitui no principal escalão do chamado comando intermediário. A defesa, ao contrário das demais operações, deve ser conduzida com rédeas curtas, restringindo-se a liberdade dos escalões de comando menores em virtude do ambiente nuclear em que poderá ser realizado, ambiente que exige um controle superior de parte do comando.

## 5. O APOIO AO COMBATE

Como foi mostrado no final do item 3, a divisão e a brigada têm condições de apoio extremamente diferenciadas. A Brigada é um escalão tático e administrativo relativamente independente, possuindo autonomia de 5 dias de todas as classes de suprimento. Ela se abastece diretamente nas instalações de suprimento montadas pelo corpo de exército. A divisão, por sua vez, é sobretudo um escalão tático, dispondo de órgãos de suprimento necessários para atender a tropa divisionária ou a tropa de apoio, nas imediações. Apenas no serviço de saúde é que a divisão se constitui em elo de suprimento e evacuação, pois os principais recursos estão concentrados nos batalhões de saúde divisionários, incluindo um hospital cirúrgico capaz de prestar assistência não só aos feridos da Divisão como aos da brigada.

Entretanto, a divisão é muito mais rica em meios de apoio ao combate e por sua vez apóia as brigadas, caracterizando o esforço da manobra divisionária. Basta lembrar o de que a divisão dispõe: 1 B Rec, 1 B Com, 1 B Eng, 1 B Av Ex, 1 BS, 1 Cia PE e 1 Bia AAe e dos meios orgânicos da AD.

## 6. CONCLUSÕES

Por permitir maior flexibilidade e descentralização das operações, a brigada se transformou num importante escalão de comando. Ela representa uma resposta adequada às operações que se realizem em ambiente nuclear, por oferecer alvos menos compensadores. A brigada possui relativa autonomia e é capaz de conduzir operações independentes, facilitando o controle em ações que alternem a dispersão e a concentração. Contudo, considerando os recursos de apoio estabelecidos no mais baixo nível, ela se torna uma GU frágil para conduzir ações de grande potência.

Meios e recursos poderosos, concentra-os a divisão alemã, capaz não só de centralizar as operações, como descentralizá-las, reforçando e apoiando as suas brigadas na ofensiva, dando-lhes o impulso e a potência de que necessitam para vencer os obstáculos e as resistências mais significativas; ou conservando a maioria de meios numa operação centralizada, principalmente na defensiva, que responde pela concepção estratégica da República Federal da Alemanha.

## BIBLIOGRAFIA

- The Bundeswehr — Partner in the Western Alliance.  
Weissbuch — Zur Verteidigungspolitik der Bundesregierung, 1969.  
Führung und Gefecht — Elke Middeldorf.  
Information für die Truppe — n.º 3 — 1969.